



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MARIA TEREZA MARQUES AMARAL**

**(entrevista)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



Fotografia produzida, em abril de 2017, em Belo Horizonte (MG). Entrevistada: Maria Tereza Marques Amaral.

**Projeto:** Garimpendo Memórias.

**Número da entrevista:** E-761

**Entrevistada:** Maria Tereza Marques Amaral

**Nascimento:** 26/10/1948

**Local da entrevista:** Hotel Mercure, Belo Horizonte.

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 27/04/2017

**Transcrição:** Laura Giovana dos Santos Andrade.

**Copidesque:** Suellen dos Santos Ramos.

**Pesquisa de Termos:** Laura Giovana dos Santos Andrade e Suellen dos Santos Ramos.

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner.

**Total de gravação:** 62 minutos e 58 segundos.

**Páginas Digitadas:** 16 páginas.

### Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: AMARAL, Maria Tereza Marques. Entrevista concedida por Maria Tereza Marques Amaral ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo. UNIVASF, UFRGS, Belo Horizonte (MG), 27 abr. 2017, 19 p.

## **Sumário**

Formação em Filosofia; Mestrado e Doutorado; Envolvimento com o tema da Educação à Distância; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade; Formulação dos materiais didáticos do programa Educação à Distância; Formação permanente dos agentes do Programa Esporte e Lazer da Cidade; Organização dos cursos de Educação à Distância do Programa Esporte e Lazer da Cidade.

Porto Alegre, 27 de abril de 2017. Entrevista com Maria Tereza Marques Amaral a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professora, muitíssimo obrigada por se dispor a falar com a gente e registrar essa sua trajetória e eu queria que você começasse falando um pouquinho da sua formação.

M.A. – A minha formação é em Filosofia. Eu tenho mestrado em Educação e doutorado em Educação, mas o doutorado em Educação na vertente de formação de professores de Filosofia. Então, sempre foi minha área de atuação dentro da Universidade.

C.M. – Você se formou aqui em Minas?

M.A. – Sim. Na UFMG<sup>1</sup>.

C.M. – E como que você se aproxima da Educação à Distância nessa...

M.A. – Na verdade eu... No meu mestrado eu fiz uma dissertação para criticar a Educação à Distância. Para fazer uma crítica... Claro que faz muitos anos, então, não era uma coisa tão divulgada a questão da internet, então tinha um programa de formação de professores que era feita à distância e uma formação de professores leigos, ou seja, aqueles professores que estavam em sala de aula, mas que não tinham qualificação. Então, o Estado acabava desenvolvendo políticas para formar esses professores. Uma dessas políticas ela, realmente, foi uma extensão muito grande, foi um período de ditadura então tinha uma força muito grande daquilo que eles queriam e eles fizeram um programa imenso chamado “Logos 1”, que foi o piloto e “Logos 2” que foi uma expansão do programa. E o Estado de Minas Gerais comprou esse programa dez anos depois, entendeu? Ficou já dez anos de críticas e o Estado comprou. Então, eu foquei nessa questão. Na verdade, esse programa tinha uma marca muito intensa de pegar só populações de periferia mesmo, entendeu? Então se formar professores da área rural, principalmente. E dali eu resgatei uma questão de alguns cursos de escola normal superior que naquela época já chamava escola normal superior... E que tinham um outro tipo de formação que era uma formação por imersão.

Então os professores iam para um lugar, recebiam toda a formação... Minas Gerais foi pioneira nisso e tinha uma figura que era Abgar Renault que era um grande pedagogo que existia. E aí eu fiz essa comparação, entendeu? De uma vontade política que concentrava professores e trazia para uma imersão, qualificando com ótimos professores e tinha muita inserção política que conseguia professores muito bons para ficar esse tempo. E depois o que acontece num processo de educação à distância que você tinha os supletivos, você tinha espaços, vamos dizer, dispersos no Estado, mas que eles iam lá pegavam a apostila levavam para casa, estudavam e depois vinham fazer a prova. Não tinha nenhum processo de imersão, não era na verdade um curso semi-presencial, tinha alguns encontros e eu peguei nesse foco para criticar. Doeu pesado porque eu chamei a “Dissimulação da inocuidade”, ou seja, é inventar uma política pública para fazer um faz de conta que estava fazendo alguma coisa e... Não acontecia realmente, mas numericamente, estatisticamente acontecia. E aí eu comecei meu doutorado no Canadá. Eu não fiquei muito tempo e não consegui fechar no Canadá, aí eu vim, voltei, quando eu voltei depois eu fiz a defesa. Aí o que aconteceu? Nessa passagem minha de fato pelo Canadá, já me chamou a atenção como que o Canadá resolvia o problema da dispersão geográfica. Então, o Canadá resolvia por Educação à Distância, mas nessa época já começava a internet a ser popularizada, então você já tinha... Então tinha populações indígenas que eles chamam de grande norte que é neve o ano inteiro e eles usavam todo esse sistema de Educação à Distância. E quando eu voltei, eu fui professora da Faculdade de Educação. Quando eu voltei eu reassumi minhas funções e tudo e na Faculdade de Educação naquela época tinham feito uma carta de Educação à Distância da UNESCO<sup>2</sup>. E eu me aproximei dessa carta e acabei coordenando essa carta por um tempo e entrei em um programa que era também... Que eu achava muito interessante que era a TV Escola. Então a TV Escola ela fazia o quê? Ela colocava toda a aparelhagem necessária dentro das escolas, inclusive depois com antenas parabólicas... E faziam um trabalho à distancia com os professores para usar o material que era muito bem produzido, que era produzido em uma escala ótima, entendeu? Quer dizer, era uma coisa de recursos televisivos mesmo, entendeu? Então teve um acervo... A TV Escola teve um acervo fantástico. Hoje ela está com a TV Cultura. Aí essa TV Escola ela usava o Estado todo. Você fazia a educação à distância que era treinar professor para aprender a usar o material que estava disponibilizado. Então isso era uma parceira da Faculdade de

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Educação... E eles exigiam que tivesse a Universidade junto. Era um programa conduzido pela Secretaria de Saúde, mas com a Universidade junto. E eu coordenei esse programa. Como eu estava na carta da UNESCO, eu que coordenei esse programa. Depois foi uma pena, mudou o governo, colocou tudo fora. Aí você... Eu, como eu já estava nessa vertente eu fui trabalhar com um programa também muito interessante que era o programa da área da Saúde que chamava PROFAG, Profundização da Assistência da Saúde, e esse PROFAG ele também era muito capilarizado e tanto pegavam auxiliar de enfermagem quanto eles chegavam para formar o professor da escola técnica. E a Universidade entrou no projeto e aí já estava sendo capitaneado pela Enfermagem e aí eu trabalhei muito tempo nesse projeto. Fiz uma parceria, na época eu era coordenadora do colegiado em licenciatura que era um colegiado de formação de professores. E esse colegiado entrou em parceria com a Enfermagem. Então foi na época que o Serra<sup>3</sup> era Ministro da Saúde e esse programa também foi muito interessante porque pegou o Brasil inteiro de Norte a Sul, Leste, Oeste e trabalhava tanto com os auxiliares quanto com os técnicos, quanto os professores. Eu trabalhava exatamente na ponta dos professores, na formação de professores e era da ENSP, Escola Nacional de Saúde Pública. Eu trabalhei bastante, uns quatro anos nesse projeto, mais uma vez mudou de governo e colocou tudo fora [riso]. É proibido falar daquele projeto, mas com isso eu já estava trabalhando com o pessoal da Educação Física que era a... O projeto com a UniSESI<sup>4</sup> porque a Educação Física que tinha era uma especialização em Lazer. E o SESI<sup>5</sup> fez uma parceria que era à distância que era com um grupo é... O repositório era em Santa Catarina e tudo era em um formato de Universidade Cooperativa que é a UniSESI. E nós começamos no zero... Construimos material, trabalhamos, fizemos projeto político pedagógico, e esse projeto então foi a época que eu conheci o grupo de Educação Física que é a Christiane<sup>6</sup>, é o Helder<sup>7</sup>, esse grupo estava a frente do projeto Lazer e que veio a ser o embrião da pós-graduação, mestrado e depois doutorado. Daí já fui para outra vertente, assumi a questão da ética, fui coordenar o Comitê de Ética daqui de pesquisa na Universidade e quando apareceu o curso, aí eu trabalhei e fui para o Núcleo de Saúde Coletiva, o Núcleo de Pesquisas e Estudos de Saúde Coletiva que era a escola de Medicina. Também trabalhando com Educação à Distância. Aí já era um

---

<sup>3</sup> José Serra.

<sup>4</sup> Unidades SESI Indústria do Conhecimento.

<sup>5</sup> Serviço Social da Indústria do Rio Grande do Sul.

<sup>6</sup> Christiane Luce Gomes.

<sup>7</sup> Hélder Ferreira Isayama.

grupo mais organizado, já com um núcleo dentro da Universidade. Era um órgão complementar da Universidade... Trabalhei até o ano passado trabalhei com isso, mas aí o Hélder me convidou para começar a pensar o PELC<sup>8</sup>, nessa vertente da Educação à Distância. Aí eu fiquei com os dois trabalhos em termos de... Quer dizer, fora os meus outros compromissos eu... Começamos do zero a pensar como que a gente ia construir essa Educação no PELC, essa Educação à Distância, já tinha um projeto da formação. E o projeto de Educação à Distância... E hoje eu estou... Deixei a Medicina, me aposentei da Universidade e hoje eu estou só com um grupo daqui.

C.M. – Quando é que foi o início com o PELC?

M.A. – Foi em 2012, foi no início mesmo.

C.M. – Quando você entra para o projeto, quais as principais discussões que tem sobre a EAD<sup>9</sup> no PELC? E quais os principais desafios que você recebeu?

M.A. – Os desafios eram justamente isso, era... Você tinha os grupos de formação, esses grupos de formação tinham os compromissos presenciais com a ponta, com os agentes culturais e existia a necessidade de ampliar a ação educativa. Quer dizer, isso que os formadores estavam tendo eles queriam que houvesse uma forma de... Que cada um dos núcleos tivesse pessoas envolvidas no processo de formação e a fórmula era realmente EAD porque eu sempre considerei que conseguiria montar uma estrutura e dar acesso a essas pessoas ao mesmo tempo que você trabalhava com, vamos dizer, uma divulgação do conhecimento que estava sendo gerado pelo processo como um todo. Então a Educação à Distância ela entrou como uma estratégia extremamente necessária para o tamanho do grupo que se queria atingir. E em um primeiro momento o modelo foi mais rígido e daí se fez... A tentativa era fazer um grupo de temas em que necessariamente todos deveriam conhecer. Então se fez quatro disciplinas que no momento foram chamadas de obrigatórias e mais quatro que eram optativas e dessas quatro os alunos poderiam escolher duas. Então ao todo eles tinham que fazer cento e oitenta horas. Então a questão era você trabalhar com quatro disciplinas obrigatórias que tinha que fazer todas e depois você podia escolher duas

---

<sup>8</sup> Programa Esporte e Lazer da Cidade.

<sup>9</sup> Educação à Distância.

que eram de temas mais de interesse do aluno. O que aconteceu foi que esse modelo não deu muito certo. Porque endurecia muito o aluno, ele ... Aí nós ficamos com um processo de evasão maior também. Curiosamente o primeiro grupo que entrou nós tivemos seiscentas inscrições, só que essas seiscentas inscrições não permaneceram porque era exatamente o segundo mandato da Dilma<sup>10</sup> e aí a gente sentiu que tinha muita gente que entrou no curso, porque houve inclusive divulgação nos momentos de formação, mas que na verdade não se sabe se estavam diretamente envolvidos com o PELC. Alguns achavam que poderiam ser envolvidos posteriormente, então isso aí deu um impacto grande na época e também porque era um curso totalmente online. Totalmente virtual. Então você tinha que motivar as pessoas para estarem no curso. Como não era obrigatório, você tinha... Vamos dizer, as desistências ainda aconteciam porque as pessoas achavam... Primeiro se assustavam com o primeiro movimento de quatro cursos e quatro temas, depois se assustavam um pouco com primeiro módulo que é muito pesado, que é muito denso. E as coisas vão acontecendo e você vai, numa expressão que eu gosto muito, Educação à Distância você faz *in vivo* e não *in vitro*, não dá para você dizer: “Ah, aquilo é uma caixinha bonitinha, é assim, o Programa é esse e tudo...” À medida que as coisas vão acontecendo você vai precisando caminhar junto com o processo. E nós passamos, na época, o Ministério fez uma exigência de ser, de fazermos, montarmos o curso todo dentro de um programa do Ministério da Educação que é o e-ProInfo<sup>11</sup>, que eu conhecia por causa de outros momentos. Depois eles diziam, esse e-ProInfo um *moodle*<sup>12</sup> nacional brasileiro, mas como tudo acontece esses projetos de Ministério inclusive que tem uma exigência tecnológica altíssima, precisa de verba, precisa de recurso, senão ele não se atualiza. Então o que aconteceu com e-ProInfo foi que ele não conseguiu se atualizar. E por mais que a gente discutisse havia uma certa rigidez na época de permanecer no e-ProInfo. Então a gente demorou mais ou menos um ano e meio para dois anos usando e-ProInfo e dizendo: “Ó, isso não da certo, não da certo, não da certo...”. Tinha algumas qualidades que a gente tem uma dificuldade de... Ele tinha algumas qualidades, mas o que acontecia mesmo com o e-ProInfo era as condições que eles tinham que não permitiam a eles entra num processo de atualização. Então fez aquilo, tem aquela cara, tem que ser daquele jeito e pronto. Tanto

---

<sup>10</sup> Dilma Rousseff.

<sup>11</sup> É um ambiente virtual colaborativo de aprendizagem que permite a concepção, administração e desenvolvimento de diversos tipos de ações, como formas de apoio a distância e ao processo ensino-aprendizagem.

<sup>12</sup> Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment.

que na época a gente fazia uma coisa que eu mesma fiz muitas críticas, eles não tinham espaço de interatividade com o aluno. Só trabalhava aquilo que eu acho que é o pior da Educação à Distância: é você fazer um PDF<sup>13</sup> e colocar lá para o aluno ler. Então isso também foi muito impactante nessa saída do nosso aluno. Porque eu ficar... É, muito acadêmico esse PDF de sessenta páginas para eu ler com um tutor que vai me ajudar a ler, tudo meio assim. Era meio... Era uma incongruência, quer dizer, na verdade você ia para um lugar que não era isso que era para ser, mas ao mesmo tempo a plataforma não te dava elementos para ser diferente. E a gente não conseguia junto dessa plataforma apoio para ser diferente. Então assim, a comunicação era péssima, muito ruim mesmo. A gente chegou a ter um embate rigoroso com eles por que... Era, vamos dizer, reconhecendo quem era nosso aluno você sabia que aquilo não dava certo. Então houve uma certa teimosia de uma pessoa do Ministério e depois ela mesma reconheceu que não tinha jeito, nós tínhamos que mudar. E aí nós mudamos todo o formato do curso, ele passou a ser mais interativo por telas, foi ser um virtual mais leve. Mas mesmo assim pela pressa que se teve, a primeira parte do curso também não é agradável. Também tem as... Tem o peso de você está trabalhando naquelas telas, o tutor entra e você trabalha com imagens... Então várias experiências que não foram bem sucedidas. E a última questão era a questão de você... Nós tivemos que comprar uma hospedagem. Essa hospedagem também não nos deu muito apoio e como foi por licitação e ela veio de uma empresa que na verdade não tinha experiência em trabalhar com educação, sabe? Era uma empresa inclusive de marketing, mas na coisa pública ela tinha um ganho. A gente ficou um ano com essa empresa e aí, conclusão: não dá para continuar. Temos que mudar. E onde a gente negociou com o Centro de Educação à Distância da UFMG<sup>14</sup> que é onde nós estamos hoje. Aí você recomeça todo o trabalho, você recomeça... Os cursos também mudaram, a gente tirou a obrigatoriedade dos quatro. Os cursos são ofertados e as pessoas fazem escolhas. Então a gente tem uma equipe muito grande para poder dar conta da produção desse material, da produção *online* que é uma linguagem totalmente diferente e acompanhar os tutores, acompanhar o trabalho que está sendo feito, acompanhar esses alunos, fazer a gestão acadêmica de tudo isso... Então onde nós estamos hoje, como eu falei mais cedo quebrar paradigma não é numa ponta só, entendeu? Ou você quebra, você acaba atingindo... Essa explosão aí de quebrar um paradigma ela atinge várias faces e é bom que seja assim.

---

<sup>13</sup> Portable Document Format.

<sup>14</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

C.M. – Professora, eu sei que a senhora já tocou em vários pontos, mas queria que falasse mais um pouquinho como que você saiu das críticas lá no início do seu mestrado e se transformou nessa pessoa tão envolvida com a Educação à Distância.

M.A. – Eu acho que é uma questão mesmo de época. Quando eu fiz essa crítica, a questão da internet não tinha nenhuma popularidade, não tinha nenhum acesso. A internet era uma coisa assim para a NASA<sup>15</sup> e olhe lá. Então, quando eu fiz essa crítica lá nos anos 1980 era uma crítica de achar justamente que você tinha barateado demais o processo de formar professores. Quer dizer, esses professores na época em que eu fiz a dissertação e que eu tive com esses professores eles tinham uma alta competência, eles não eram qualificados, eles não tinham o diploma vamos dizer assim. Então a gente achava que essa forma de oferecer o diploma era muito precária. Ainda mais que você tinha, eu particularmente tinha mergulhado na história de formação de professores leigos e com uma vontade política de um Secretário de Educação que chegou a ser Ministro também, a vontade política dele ele montou os espaços, ele montou a escola, esses professores saíram dos seus espaços rurais, iam, ficavam uma semana lá. Faziam todo o processo de formação como se fosse uma escola na cidade, então eram centros que tinham convergência. Pessoas daquela região toda, aqueles professores daquela região conseguiriam ir para essa escola. Isso era muito bem pensado por quem tinha a autoridade para pensar nisso e querer fazer. Então esses professores, o curso deles era mais curto? Era. Porém era de alta qualidade e era por imersão. E evidentemente que nessa época eu acreditava muito mais nessa educação de imersão, essa educação que você ia lá pegava um livro, estudava e ia lá fazia a prova, isso se chamava supletivo. Então esse supletivo ajudava do ponto de vista de, vamos dizer, de circulação do conhecimento e do ponto de vista do Estado você resolvia do ponto... Estatística. Então eu tinha duzentos mil professores leigos. Leigos era o quê? Eles não tinham o quarto ano primário e eles estavam na sala de aula. Ao mesmo tempo o meio rural só contava com esses professores, não contava com mais ninguém. Era oferecido para ele, inclusive era massa de manobra política. Então você vota em mim, você chama seus alunos para votar e eu te ponho como professor da escola. Então a minha crítica ia nessa direção. E quando você fazia uma, na época a gente até falava de forma bem pejorativa, fazia uma cartilha para uma pessoa que às vezes conseguia dar aula para três séries em salas

multiseriadas, aí você fazia uma cartilha e ensinava para eles o quê? A escrever os objetivos educacionais. Quando você ensinava a Taxonomia de Bloom<sup>16</sup> você ensinava assim: “Teu objetivo é esse, esse e esse.”. Ele aprendia escrever o objetivo, mas perdia a noção de como que ele ia fazer com a sala de aula dele. Então isso era uma coisa assim muito gritante do ponto de vista, muito fácil de perceber e fazer a crítica. O que estava errado? Fazer uma Educação à Distância com professores que estavam precisando de um supervisor, de um orientador educacional, de alguém que conduzisse o trabalho que ele fazia e que melhorasse o trabalho que ele fazia. Então eu, nesse momento, acreditava mesmo que você tinha que trazer esse professor para dentro da escola. Para ele voltar para o lugar dele sabendo o que ele estava fazendo, mas para o Estado isso é muito caro. Então como já tinha uma certa... Que a questão da Educação à Distância é uma educação por correspondência. Ela está lá trás, ela é muito mais antiga do que a gente pensa porque a gente só pensa na época da *Web*, mas a Educação à Distância existe no curso de monitor. Agora sempre viveu no estigma, do estigma que era você... Ele era para uma população carente, ele é para profissionais, várias pessoas fizeram curso profissional pelo Instituto Monitor<sup>17</sup>. Que é isso, você escrevia, eles mandavam as apostilas, você fazia os testes, aprendia, depois você fazia a prova e pronto! Você tinha um certificado de técnico. Então assim realmente em termos de Brasil ela veio como um processo extremamente estigmatizado. Outra forma de Educação à Distância, se você pensar o que foi o projeto Minerva<sup>18</sup>? É um projeto de rádio que naquela hora tinha que ligar o rádio, escutar a aula e depois fazia caderninho e responder. A Globo<sup>19</sup> aqui na frente pensou nisso. O Telecurso<sup>20</sup> do segundo grau é isso. Então a minha crítica lá trás, era exatamente dessa banalização da educação. Banalização de vocabulário, banalização de competências, de habilidades que um professor tem que ter. Só que quando eu estive essa época no Canadá eu vi uma educação de alta qualidade. Por quê? Porque tinha um grupo de pessoas envolvidas com o processo, com o Projeto Político Pedagógico e que atendiam uma necessidade absolutamente irreal porque você não quer que o país fique com analfabetos. E como que você faz a escola formal, regular nesse modelo de escola chegar para essa população.

---

<sup>15</sup> National Aeronautics and Space Administration.

<sup>16</sup> Taxonomia de Bloom é uma estrutura de organização hierárquica de objetivos educacionais.

<sup>17</sup> Escola pioneira no Brasil de cursos à distância.

<sup>18</sup> O Projeto Minerva foi um programa de rádio brasileiro elaborado pelo governo federal e que teve por finalidade educar pessoas adultas.

<sup>19</sup> Rede de televisão aberta brasileira.

Primeiro que você tem que formar pessoas, ir lá dentro das tribos que dê conta disso. Não só das tribos, mas as pequenas comunidades que tem espalhadas no Canadá inteiro. E em um processo climático absolutamente agressivo! “Pega o ônibus aí vem aqui”. Não tem isso. E isso ele vai te dizer “pega o seu trenó e chega aqui”! Então eu, analisando qual era a necessidade em termos de expansão territorial demográficas mesmo. E você tinha aquele território naquela imensidão e você conseguir levar a educação para lá, a fórmula mais interessante era essa mesmo. E isso cria um outro processo extremamente interessante chamado que aparência *web*, na internet que ela é socializada e ela se torna uma ferramenta poderosa em termos de socialização. Aí você junta com a questão de você conseguir fazer uma educação de qualidade e atingir uma população que precisa e que necessariamente vai ficar, vai estar privada do processo se você não tiver ferramentas que resolvam. Então como que eu quebrei os meus próprios paradigmas? [risos] Foi justamente reconhecendo assim... Nós estamos discutindo a socialização, a democratização da educação, então você em achar ferramentas que façam isso! Você depender absolutamente da sala de aula e de um professor formalizado, você tem aí alguma coisa que se perde. E aí você tem assim, quem... O outro lado desse estigma é um lado que você fazia desse sistema o treinamento para o exército, principalmente o exército americano viveu muito isso. Como é que eu ensino um sujeito a ter mira? Eu faço uma educação de múltipla escolha, eu uso o behaviorismo comportamentalista para dizer isso está certo, isto está errado. E eu vou te dando incentivo até você fazer certo. Então isso também criou um estigma muito grande que daí eu sirvo só para profissionais, eu sirvo só para treinamento e eu não tenho nenhum elemento crítico porque eu não tenho que ter elemento crítico. Eu tenho que aprender a fazer aquilo. Por outro lado, a hora que você tem uma outra ferramenta que te permite interagir com esse aluno, conhecer esse aluno e não ficar na instrução programada, você sai da linha do comportamentalismo, do behaviorismo. Você consegue pensar no sócio interacionista você já consegue pensar em uma discussão mais marcada em termos de posições políticas mais claras mais evidentes, você consegue... E é uma ferramenta importante do ponto de vista de permitir de abrir outras possibilidades.

---

<sup>20</sup> Sistema educacional a distância brasileiro mantido pela Fundação Roberto Marinho e pelo sistema FIESP.

C.M. – E para além das mudanças de 2012 para cá das plataformas e dessa obrigatoriedade das quatro, quais as outras mudanças que você percebeu de 2012 até agora na formação do PELC?

M.A. – Eu acho que, inclusive, o evento de hoje para mim foi muito significativo exatamente por isso. Quer dizer, em nenhum evento dessa formação essa questão da Educação à Distância aparecia com tanta clareza, então você vê que ela chegou. Os formadores hoje têm uma acessibilidade. Você já pensa na questão de como você ampliar porque curiosamente como o material é muito bem cuidado, então não é à toa que a gente vem, vamos dizer, amadurecendo tudo isso, você começa a perceber o eco disso. Então você tem pessoas que querem, por exemplo, que a gente mantenha uma biblioteca virtual porque querem ter acesso ao material que está escrito. Você vê que tem um reconhecimento da qualidade do material proposto. Então eu acho que isso chegou de forma mais... Houve uma aprendizagem significativa para os próprios formadores. E eles vêem que... E curiosamente, como eu dizia antes, nós tivemos uma população externa muito interessada no curso. Tanto que a gente vai fazer uma oferta na graduação porque quando a gente for para dentro de um centro de Educação à Distância dentro da universidade, esse centro também para sua visibilidade, para sua... Ele precisa colocar o curso dentro da universidade também, então... Uma experiência que a gente começou semestre passado de ofertar cursos que a gente tem na Educação à Distância, ofertar na graduação. Aí foi o inverso, não foi a educação presencial que pediu à distância, foi a distância... Primeiro você trabalhou à distância. E pela qualidade da formação à distância você está conseguindo propor para o aluno presencial. Que vai fazer, que vai entrar na plataforma e vai ter o mesmo reconhecimento. Que a questão é exatamente isso, durante muito tempo a gente falou de ensino à distância. Hoje a gente não fala ensino à distância. Você fala Educação. Porque aí são outros parâmetros. Você tem... Você constrói ambientes de aprendizado, você constrói espaços de interação, quer dizer, você leva em consideração o saber prévio que esse aluno tem. Então você leva para um fórum, o escopo conceitual do curso e traz a experiência dele. Quer dizer, isso é uma coisa que eu vivi de uma forma muito prazerosa na área da saúde. Porque na saúde se usa muito as metodologias ativas, usa muito problematização, então você pega o saber fazer daquela pessoa e traz para um espaço de discussão. E você tem um escopo conceitual que você garante a qualidade da discussão. Mas isso você tem que ter uma capacitação dos tutores, você tem que trazer os

autores para poder falar com os tutores, entendeu? Para ele poder fazer essa mediação. Que esse tutor também tem algumas competências que ele tem que ter de conteúdo, de tecnologia, de interação e tudo isso é, vamos dizer, muito bem trabalhado com o tutor pra poder... Então os tutores têm supervisores, você tem uma equipe de coordenação e a gente, vamos dizer, circula por todos esses espaços.

C.M. – Professora, como era o material do curso inicialmente? Porque a senhora falou do amadurecimento desse material e das discussões sobre esse material. O que foi esse amadurecimento?

M.A. – Na verdade é o seguinte. O que nós fazemos? Primeiro como o grupo é um grupo de muita *expertise*, de muita competência, sempre se escolhe para produzir o material, os melhores acadêmicos. Os especialistas. Mas assim, as melhores cabeças, quer dizer, pensando o que é o Projeto Político Pedagógico de um PELC. E para mim, não foi difícil porque eu vinha de um projeto na aérea da saúde onde você trabalha justamente com saúde básica, no núcleo de saúde coletiva... Atenção básica, era o nome, atenção básica... Você trabalhava na formação das equipes que estavam na ponta, então por isso a interatividade, por isso a necessidade de trazer os casos e discutir, colocar na mesa o debate. Então na hora que você tem uma pessoa que entende daquela área, que tem pesquisa, que tem conhecimento acumulado, que tem publicações. Então você chama aquela pessoa para conduzir o material. O começo é bem desafiador porque são pessoas que tem como prática uma escrita acadêmica e pelo contrário considero que o valor está nessa escrita acadêmica. Então a discussão, o debate comigo ficava um pouco pesado porque eu tinha que preservar a essência do material, do que era, e trazer uma linguagem de Educação à Distância que é diferente essa parte. Então isso em um primeiro momento foi bem desafiador, mas você tinha... Então eu tinha uma ida e vinda. Eu integrava um texto, eu lia, voltava, não é assim, vamos sentar para discutir, vamos fazer isso. Algumas coisas aceitavam, outras não aceitavam porque é justamente isso, em vez de você... E é natural que seja assim. Em vez de você olhar assim: “Quem é o meu leitor na ponta?” eu começo a pensar que eu vou publicar alguma coisa que o meu colega acadêmico vai lê e vai dizer: “Pô, mas você publicou isso?”. Então assim, é outra lógica, outro olhar. O olhar é realmente um olhar de que você pensa o seguinte: o material didático é a mediação do conteúdo com o aluno. Quer dizer, o aluno á distância, o professor dele é o material porque está lá no canto dele e

ele vai ler e vai achar o texto e vai organizar, se organizar, vai aprender a trabalhar com aquele tipo de material, vai ter o tutor para dar apoio, mas ele não vai poder ficar usando... Dependurado no tutor porque senão ele não sai do lugar! Então esse material tem que ter várias qualidades porque ele tem que ser acessível, ele tem que se palatável, ele tem que ser interativo, ele tem que chamar o aluno para o diálogo durante o texto porque o aluno tem que acordar. Você já pensou nisso? É uma forma de você provocar ele e dizer: “Não, pensa nisso!”. Então você tem essas coisinhas de saber mais, aí isso aqui eu não posso dar espaço para tratar, então eu faço uma indicação. Então tudo isso é um guia para que esse material fique acessível, o aluno não fique assustado com ele e... Então isso tem que ser muito trabalhado com o autor. Num primeiro momento, a gente conseguiu trabalho isso, mas assim a insistência de fazer entrar no e-ProInfo limitou porque aí nós ficamos em um impasse mesmo, quer dizer, o projeto não tinha recurso para eu convocar uma equipe de designer profissional. Porque o e-ProInfo se dizia, é só isso que eu tenho... Claro que ele não dizia um “só isso”, mas é isso que nós temos para oferecer para vocês. Então a única forma era um texto que era um texto corrido, PDF, que é o pior, a pior possibilidade que você tem. E era na verdade o quê? Sair do impresso e jogar na tela! Então isso era assim, a gente perdia, eu principalmente, perdia noites de sono por conta disso e insistia no que mudasse, que abrisse espaço para ser diferente abrir esse espaço... E realmente houve uma certa, vou me permitir dizer, uma certa teimosia do Ministério com essa questão. Quando isso consegui dizer: “Não, podem achar o caminho!”. Nós então amadurecemos o material. Pegando aquele material que já era daquele formato, fizemos uma adaptação, uma transposição para telas. Transposição inclusive com processos mais interativos, mais iconografias que é o termo que se usa. E o material ficou mais leve e ele pode ser todo *online*. O outro também era, mas era... Você abria um PDF. Aqui não. Você abria a tela, você tinha a primeira aula, segunda aula, unidade, você fazia o jogo das sínteses. Você fazia provocações com o aluno, às vezes mostrava uma imagem, passava um “*Youtube*” que é bastante motivador. Você está falando de uma experiência dentro de uma dança folclórica seja lá o que for, entre eu ver a cena e ler sobre a cena tem muita diferença. Então para esse grupo, ver a cena era muito mais importante do que ler o texto, entendeu? É aquela história mesmo do movimento, da corporeidade, da visualização de como acontece. Então evidentemente que esse já foi um amadurecimento. Na segunda leva do amadurecimento, a gente tem esse... Tornou o material... Aí entraram cursos porque esses cursos anteriores eram de trinta horas. Tiramos a obrigatoriedade e havia uma demanda

muito grande por outros temas... Porque em um primeiro momento nós ficamos muito organizando quase que dando condições deles organizarem seus processos de trabalho. Então era a Gestão Participativa, era a própria questão do PELC como diretrizes, era questão da avaliação do programa e a questão do diagnóstico local. Depois tinha o financiamento, tinha elaboração de projeto... Mais dois que me escaparam agora. E aí você tem nessa terceira onde, você tem os cursos de quinze horas. Que aí então é o que estamos trabalhando do ano passado para cá. Então esses cursos... Continuamos oferecendo os outros todos e lançamos os de quinze horas. Então já lançados e ofertados tem dois e tem seis na fila e tem... E já tem a outra leva de... Já começou outra leva. Então porque tem idoso, tem criança, tem gestão de espaço de esporte e lazer, tem esporte e lazer da juventude, esporte e lazer de idosos... É. Comunidades. E a gente tem uma “filinha” para dar conta. Mas a ideia é essa mesma. Que o amadurecimento ele passou por essa questão de ser uma coisa mais pesada, mais... Pesada mesmo. Para um processo que, primeiro, a virtualidade pode ser melhor trabalhada. Conseqüentemente os cursos ficaram mais agradáveis e as temáticas também vão sendo mais... De interesse maior do grupo. Quando eu falo em esporte e lazer de idoso eu estou querendo que eles entendam o que é oferecer esporte e lazer para os idosos. Quando eu falo da infância mesma coisa, quando eu falo de juventude, quando eu falo de gênero que esse ano vai aparecer... O futebol, lutas, entendeu? São temas que vão ser, estão sendo construídos.

C.M. – O que você percebeu de especificidade no trabalho dos cursos do PELC em relação aos outros? A formação de professores para a escola, a formação para saúde coletiva. O que o PELC te demandou como especificidade desse projeto?

M.A. – Olha, é como eu disse: para mim não aconteceu um estranhamento porque eu vinha de um projeto que trabalha com a atenção básica. E a atenção básica ela é você formar essas equipes que estão nos postos de saúde, que estão nos postos de atenção básica nas UBS<sup>21</sup> acaba que tem várias nomenclaturas disso... Mas enfim, o foco é atenção básica. Onde você tem uma equipe de um médico, um enfermeiro, dentista, auxiliar de enfermagem, técnico em enfermagem. Que faz um atendimento para um número “X” da população. Aquele núcleo é responsável por três mil e quinhentas famílias. É uma ideia extremamente interessante porque você tira o impacto da hospitalização e você trata da

população em termos de promoção e saúde, promoção e prevenção. E isso você tem um espaço muito marcado da prevenção, mas você tem um espaço bem interessante da promoção. Então, esse estranhamento do PELC eu, quer dizer, eu inclusive entrei... Vamos dizer... Trabalhando com a minha experiência. Com o que eu tinha de experiência nessa área, entendeu? Porque o PELC não deixa de ser uma atenção básica para o esporte e o lazer. Você oferecer para uma população aquilo que você ofereceria na saúde, você oferecer no esporte e no lazer. Então, assim, a ideia é muito boa tanto é que tem um projeto de estabelecer uma parceria com o Ministério da Saúde. O PELC ele não foi para mim um estranhamento. Foi uma experiência nova, mas que, sob a qual eu já tinha alguma coisa e que transferir esse conhecimento não era tão difícil. Agora, tem essa questão desse processo de formação dos formadores que era uma coisa que sempre foi da, não só da saúde, como da educação que é o que se chama na saúde tem um nome específico: Educação Permanente. Então essa Educação Permanente quando ela chega na educação, no processo de formação de professores, significa você permitir que esse professor depois que ele já está na prática ele volte para discutir a prática dele. Na saúde é a mesma coisa, quer dizer, você faz Educação Permanente por quê? Porque os assuntos vão evoluindo e você então permite que esses profissionais voltem para novas qualificações. O PELC é a mesma coisa, quer dizer, você tem os núcleos acontecendo, os profissionais trabalhando, os formadores dando apoio para esses profissionais, e a Educação Permanente que é esse processo todo que o PELC vive.

C.M. – Professora, tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

M.A. – Não. Eu respondo o que você perguntar! [risos]

C.M. – Acho que era isso. Acho que a gente conseguiu abordar bem a trajetória da...

M.A. – Por que essa professora que vem da Filosofia vem falar da Educação à Distância?  
[risos]

C.M. – Então era isso...

---

<sup>21</sup> Unidade Básica de Saúde.

M.A. – Uma professora que é acostumada a falar de vinte cinco séculos de cultura. Lê só livros... Se você não lê você não sabe nada, de repente... Ser entusiasta de uma educação, mas também porque eu acho que o paradigma mudou em relação ao conceito que você tem do aluno. Então é essa a ideia de que o aluno é o repositório como diz o Paulo Freire. Ela tem que mudar. Porque esse aluno ele é um sujeito constituído pela escola. Faz parte da constituição dele como sujeito, a escola! Porque não esquecendo uma população que está marginalizada, mas o valor da educação está entranhado em você, sempre dizia para os meus professores, formando meus professores, falava: “Quem foi o seu melhor professor? Provavelmente você será um professor muito parecido com ele!” Porque você tem uma memória de uma coisa que aconteceu e que foi válido para você. Aí você diz: “Ah, a Educação à Distância não vai conseguir fazer isso!” À medida que ele consegue entrar num fórum, ter um ambiente de aprendizagem favorável que ele sabe que ele vai ser... Infelizmente, a área da saúde e acho que da Educação Física também acaba entrando nesse mesmo parâmetro, você tem uma coisa do certo e do errado. Então, assim, quando você entra em um fórum que você tem um ambiente favorável, que você consegue pensar que a sua opinião não vai ser bombardeada, que ela vai ser acatada, que ela vai ser... E você tem que aprender o diálogo. Mesmo que eu diga para você: “Não, não é assim.” Você não pode escutar aquilo como se fosse assim: “Ele está me repreendendo. Ele está...”, não. Olha, tem uma outra forma de fazer. Por isso a formação dos tutores é importante porque ele tem que ter esse jogo. E quando a pessoa sente que a opinião dela foi aceita, foi acatada, ela se solta para falar das experiências dela. Que é o que eu sinto quando tem essas reuniões de formadores. Que a vertente é uma educação mais dialogada, é alguma coisa... As opiniões têm, vamos dizer, têm marcas muito fortes quando você discute... Não, tem que ter o treinamento e tudo. Você não pode... Tem regras, tem normas, tem que ser assim. Está bom, tem que ser assim. Mas quando você está em um processo que é de participação, você tem que dar espaço para as pessoas falarem. Então eu acho que as pessoas se sentem... Você tem várias formas desses fóruns. A primeira forma seria assim: eu não vou falar nada vou ficar aqui só olhando. Isso a gente chama de silêncio virtual. É um conceito bem interessante, tem uma pesquisadora muito interessante que trabalha com esse conceito... Silêncio virtual é o quê? Eu entro, vejo meus colegas todos lá dando opinião e eu fico quieta. Então, o tutor conseguir romper isso, entendeu, e chamar essa pessoa que ele sabe que entrou na roda e.... Porque você para entrar em um fórum você tem que dar visibilidade que você está ali. Hoje você tem mecanismos tecnológicos que eu sei se o cara

entrou ou não. Aparece no *Moodle* principalmente, você consegue ir lá e ver se uma pessoa entrou ou não. Agora quando você não faz, você, vamos dizer, a palavra seria “olhomêtro”, você fica lá só olhando, olhando o que todo mundo está falando, mas você... O tutor tem que provocar! Ele diz: “Ah, eu concordo com o fulano.” “Você concorda por quê?”. Então, o fórum quando ele é um processo de aprendizagem, ele tem uma metodologia. Então você dá a munção para o tutor para ele usar essa metodologia e conseguir provocar. Essa questão acaba fazendo justamente isso, você passa a ver aquele aluno como um aluno, um aprendiz, alguém que está ali junto com você. O que às vezes a educação presencial não consegue. Eu entro numa sala de aula, dou aula para trinta alunos, vou embora e não sei nem quem passou ali, se ele escutou, se ele não escutou, você... Então, eu acho que é isso. Eu não gosto muito do processo de reificação. Quer dizer, não, agora: “a educação de qualidade é a que foi a distância”. Não! Então essa coisa eu acho que tem que incomodar. Ah, não, “não usa mais educação presencial”. Usa! Usa sim! É ótimo você ter uma palestra, alguém falando, você escutando e aprendendo. Agora quando isso torna-se uma dificuldade concreta de dispersão geográfica, de dispersão de tempo. Então, você precisa achar ferramentas que deem conta disso. Ta bom?

C.M. – Então, professora, muitíssimo obrigada! Foi muito enriquecedora a sua entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]